

“A DESCOBERTA DO MUNDO”: As máscaras de Clarice Lispector em sua obra para crianças

KOSSMANN, Ana Claudia ¹

THIMOTEO, Saulo Gomes ²

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar elementos de duas obras literárias infantis de Clarice Lispector: *O mistério do coelho pensante* e *A mulher que matou os peixes*, apontando traços de sua escrita e explorando a figura narrativa e os personagens de suas obras. Com isso busca mostrar seu estilo que permanece em várias das obras. O estilo de Clarice não se restringe às suas obras “para adultos”, havendo traços marcantes também em suas escritas infantis. Identificando ainda conceitos, como a epifania e a náusea, característicos do estilo clariceano, estão presentes mesmo que em um nível menor de complexidade, nos livros infantis.

PALAVRAS- CHAVE: Escrita clariceana, literatura infantil, voz narrativa, personagens

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar elementos de dos obras literarias infantiles de Clarice Lispector: *O mistério do coelho pensante* y *A mulher que matou os peixes*, apuntando trazos de su escritura y explorando la figura narrativa y los personajes de sus obras. Con eso se intenta mostrar su estilo que permanece en varias de sus obras. El estilo de Clarice no se restringe a sus obras "para adultos", habiendo rasgos marcados también en sus escrituras infantiles. Identificando aún conceptos como la epifanía y la náusea, característicos del estilo clariceano, están presentes aunque en un nivel menor de complejidad, en los libros infantiles.

PALABRAS-CLAVE: Escrita clariceana, literatura infantil, voz narrativa, personajes.

¹ Acadêmica do 5º ano do curso de Letras – Português/ Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS, *campus* de Realeza. Contato: ana_ksn@hotmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Professor do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: saulo.thimoteo@uffs.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é analisar e compreender aspectos de duas obras infantis de Clarice Lispector: *O mistério do coelho pensante* (MCP) e *A mulher que matou os peixes* (MMP), apontando assim elementos que se fazem presentes em suas obras, como os personagens e a figura narrativa, e também características da escrita clariceana.

O trabalho ainda visa abordar a importância da literatura infantil da autora. É evidente a importância da literatura infantil quando se pensa na formação de leitores e cidadãos críticos, pois é um campo que abrange muito mais do que o valor estético e de entretenimento de uma escrita. Neste trabalho, vamos ainda abordar o rumo que uma leitura literária infantil pode se tomar, baseando-se também em outros autores. Como podemos observar no livro de Bárbara Carvalho, *A literatura Infantil: Visão histórica e crítica*:

A Literatura é um fenômeno estético e ideológico, vinculado à cultura e à sua época. Como veículo educativo e considerando-se a permeabilidade das crianças diante dos estímulos e motivações, é considerável o efeito que possa causar no comportamento do leitor em fase de formação (CARVALHO, 1984, p.194).

A digressão que se encontra na literatura infantil é algo corrente que liga a voz de quem narra com a pessoa que lê, permitindo uma proximidade com o leitor em formação. As palavras e metáforas utilizadas, além de esteticamente proporcionarem a obra literária, apontam significados além do que encontramos no texto, como se fosse um caminho para novas leituras e descobertas de novos sentidos.

Nas obras estudadas, notam-se algumas características desses estímulos e motivações sobre a literatura, a relação entre autor, leitor e os personagens de Clarice, identificando as características dos personagens que povoam o mundo ficcional da autora, características essas que se fazem presentes em várias de suas obras, e que se destacam na relação que autora cria com seus personagens, que são laços de puro intimismo. Ainda, abordar sobre a questão do existencialismo e seus aspectos que se relacionam com a obra ficcional da autora, apontando que as narrativas infantis de Clarice apresentam um caminho muito além do que se espera de histórias infantis, pois suas narrativas são construídas em um processo contínuo da busca por descobrirmos a nós mesmos, bem como o mundo que nos cerca.

Dessa forma, este artigo se organiza em seções pontuais que buscam analisar a escrita de Clarice e aspectos das duas obras objeto de estudo. Na primeira seção, faz-se uma breve fundamentação teórica sobre a escrita clariceana e sua incursão pelo campo da literatura infantil. As duas seções seguintes analisarão cada uma a seu termo, um livro infantil da

autora, aplicando as seguintes observações: Primeiro a voz narrativa dos contos, seguida por seus personagens, abordando ainda a problemática do “eu”, e com isso chegando à essência de suas obras, ou seja, abordando o caminho que essas obras tomam para fazer das obras infantis de Clarice serem porta de entrada para outras leituras. Assim, podemos verificar que os livros infantis de Clarice Lispector possuem um conteúdo que obedece a mesma inclinação da obra “adulta”, pois em ambos há um questionamento com relação à própria existência, um testar dos limites e das motivações do indivíduo no ambiente em que está inserido.

2 CLARICE PARA CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES

Clarice Lispector escreveu romances, contos, narrativas e diversos outros gêneros, problematizando a existência do ser humano e apresentando, através de seus personagens, situações e conflitos presenciados no dia a dia. Trazendo o mecanismo de seus pensamentos em seus textos, surge o campo literário infantil, com uma escrita que se destaca pela sua identidade, a autora apresenta uma narrativa com relatos que se aproximam de sua própria vivência. Assim, ocorre um contínuo questionamento profundo sobre suas obras e seu mundo, projetando-se para o leitor. No livro de crônicas, *A descoberta do mundo*, ela escreve sobre essa forma de entrar na leitura distraidamente, de maneira com que se consiga absorver bons resultados:

Esse desequilíbrio formal dá ao mesmo tempo o tom das crônicas e a medida da sua literatura, impondo a adesão cúmplice de seus leitores a esse lugar semanal de estranhamento que o jornal lhes oferece. Daí ser necessário observar um certo modo de entrar na leitura desses textos para melhor usufruí-los. É preciso, lê-los ‘distraidamente’, como quem não procura - e acha (LISPECTOR, 1992, p. 7-8).

A autora, em suas obras infantis, busca seguir essa mesma linha de escrita de suas crônicas que se aproxima do inusitado, do que acontece a cargo de sua consciência “distraída”, com uma escrita focalizada no público infantil. Ainda vale destacar que, nas obras literárias de Clarice, ela não tem o foco em moralizar suas histórias, mas sim atingir dimensões ontológicas, mexendo com a existência humana, com a epifania que toma conta de suas histórias. Como quando chama a atenção ao perceber que o coelho Joãozinho é superdotado de pensamentos, que ele descobre sua existência no mundo, e percebe que há mais seres assim como ele, e que está nesse mundo com algum intuito de viver, suas perspectivas de vida se tornam mais claras através dessas descobertas, a descoberta da

existência e da autoconsciência. Em suas histórias infantis fica evidente este traço, não só nos contos analisados, mas podemos perceber também esta característica em outras histórias da autora, como por exemplo, no conto “Felicidade Clandestina”, no qual a autora faz uma recordação de seu passado em Recife, e procura fazer uma auto-análise em seu conto, através de questões psicológicas.

Percebe-se que Clarice busca expressar o sentido e o valor da vida, até mesmo quando relata sobre a morte, como em MMP, ela procura enfatizar em suas histórias este sentido, fazendo uma inter-relação entre dois mundos, a vida e a morte, relacionando com a realidade, a autora destaca isso através de seus personagens. Lispector, em outras obras, também deixa explícita essa relação entre a vida e a morte, em “Uma história de tanto amor”. Vemos um conto que relata a história de uma menina e o amor por suas galinhas Pedrina e Petronilha, que acabam morrendo durante a história e servindo de refeição para a família. Clarice, através dessa consciência fundada no texto elabora um conto paradigmático de amor e morte e a diferença entre o eu e o outro, e mais uma vez põe em questão a busca pelo eu e sua relação com o outro.

O cunho existencial, nas obras de Clarice, é notável principalmente quando seus personagens por trás da angústia e da culpa buscam a liberdade, como podemos notar na narradora de MMP, toda a construção verbal e argumentativa que ela faz é uma forma de se explicar e se desculpar pela morte dos peixes. Através desta análise, é possível perceber que, nos contos abordados, Clarice na maioria das vezes chama a atenção ao apontar este estado de frustração dos personagens, seja pelo coelho fujão ou até mesmo a morte dos peixes, e que ao fim podemos sempre relacioná-los com a existência da vida. Assim, pode se notar que, nos apontamentos de Sartre, em seu texto *O existencialismo é um humanismo*, o existencialismo tem uma ligação direta com o mundo, que a descoberta pelo eu, pela existência do indivíduo em si, para o autor, é a descoberta mais importante de um ser, e que a existência e a essência de cada um precede uma à outra, e a essência só é constituída em sua existência: “O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo” (SARTRE, 1970, p.04). O ser humano só se conheceu profundamente quando buscar por seu eu, assim acontece também com os personagens das obras analisadas, como por exemplo, o coelho pensante que a todo o momento se mostra fazendo essa busca.

A partir deste contexto explicitado por Sartre, cabe mencionar a literatura existencialista de Clarice Lispector, que faz a presença de sua vivência e personalidade ser maior do que a distância entre o autor e sua narrativa. Nos contos analisados neste artigo, a

autora faz uso de personagens que, no decorrer da narrativa, apresentam uma construção desse lado existencialista, como se nota na voz narrativa de MMP, pois através da história, a narradora busca construir e reencontrar a sua própria imagem, de uma mulher que gosta dos animais e jamais faria mal a eles, desfigurando então a imagem de assassina que se estabelecia pelo título.

Clarice Lispector elabora narrações muito próximas em sua estrutura, o mistério que cada conto expõe e até mesmo a voz narrativa, convidando o seu leitor a fazer parte da história através de um diálogo, são características presentes em ambas as obras. Clarice faz um jogo de identidade entre autora, narradora e personagem, e por várias vezes nos deparamos com uma personagem mascarada. Assim, fazendo esse jogo de identidades, ela vai contando suas histórias e, ao mesmo tempo, interagindo com leitor através de questionamentos e reflexões. Esse jogo de personagens e a busca de si que Clarice expõe em seus contos se relacionam com a questão existencial em sua escrita que de alguma forma se aproxima da busca do “eu” do ser humano.

Não somente nas obras analisadas percebe-se essa característica da escrita clariceana. Pode-se ressaltar que os limites de espaço confundem-se com o tempo, e suas obras acabam por assumir diferentes dimensões. Essa máscara que Clarice utiliza em suas histórias é uma de suas marcas, que fica visível também em seu conto “O Ovo e a Galinha”, presente no livro *Felicidade Clandestina*. Percebemos á também essa busca pelo “eu” da autora, ao nos depararmos com ela relatando tão profundamente sobre a existência de um ovo: “ A gente não sabe que ama o ovo. Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo. Quando morri; tiraram de mim o ovo com cuidado. Ainda estava vivo. Só quem visse o mundo veria o ovo. Como o mundo, o ovo é óbvio” (LISPECTOR, 1977, p.01).

A busca incessante pela descoberta do mundo se faz presente em cada obra de Clarice, que de alguma forma expressa essa procura por algo novo que paradoxalmente já está presente em seus personagens.

Pode-se dizer que a obra literária infantil é a mesma escrita para adultos, apenas diferente em sua complexidade, com menos elementos ligados à construção da história e à problematização. Como nos diz Cecília Meireles, em seu livro *Problemas da literatura infantil*:

Esses casos de leitura para adultos que vieram a ser apreciadas pelas crianças é que nos induzem a pensar que só depois de uma experiência com elas se pode, verdadeiramente, compreender suas preferências. Assim, a Literatura

infantil, em lugar de ser a que se escreve para crianças, seria a que as crianças leem com agrado (MEIRELES, 1984, p.97).

Desta maneira, Clarice Lispector contribui na obra literária infantil “agradando” seu público mirim com essa escrita existencialista, pois ela permite através de seus contos, com que o leitor conheça novas perspectivas de vida, espelhando-se em seus personagens, que de certa forma descobrem algo não tão comum no mundo infantil, seja a morte fantasiada

através da figura dos peixes, ou até mesmo um novo conhecimento de si mesmo, retratado pelo coelho Joãozinho. A própria biografia de Clarice Lispector parece contaminar um pouco de suas obras. Como se pode notar, nos dois livros analisados, Clarice menciona várias vezes seus filhos, e por vários momentos parece se infiltrar em seus personagens ao descrever os fatos. A partir dessas características, podemos sentir o lado pessoal da autora em suas obras, pois ela consegue fazer essa conciliação de ficção e realidade:

Eu não queria que meus filhos sentissem a mãe-escritora, mulher ocupada, sem tempo para eles. Procurei que isso nunca acontecesse. Eu sentava num sofá, com a máquina de escrever nas pernas e escrevia. Eles, pequenos, podiam me interromper qualquer momento. E interrompiam (LISPECTOR *apud* MOSER, 2011, p. 372).

Com isso, podemos notar que os personagens de Clarice, mesmo na maioria das vezes sendo representados por animais, trazem um pouco do reflexo maternal da autora, pois ela expõe em suas características pontos que os relacionam com a vivência humana. Como podemos observar no livro *O Mistério do Coelho pensante e outros contos*, que inclui mais três narrativas da autora, e que todos possuem personagens animais nas histórias (*A vida íntima de Laura, A mulher que matou os peixes, Quase de verdade*). Esses personagens chamam a atenção em suas obras, pois através deles a autora busca transpassar novos horizontes e conhecimentos, tanto como a existência do ser no mundo, como no final de sua vida. Clarice busca enfatizar momentos de grande complexidade através da vida consciente do coelho pensante, chegando até o momento da morte, relatada pela figura dos peixes. Como escreve Benedito Nunes, em seu livro *O dorso do tigre*:

Os bichos constituem, na obra de Clarice Lispector, uma simbologia do Ser. Cachorros e vacas, bois e pássaros, mas sobretudo galinhas, que aparecem inúmeras vezes nos contos e romances da autora, são os símbolos palpáveis, sensíveis, dessa realidade primordial. A galinha, completamente subjugada pelo homem, vulnerável, não podendo manter a independência total, que o búfalo, mesmo cativo, ainda guarda e que o cachorro disfarça na entrega dócil que faz de si mesmo, simboliza o reduto mais frágil da animalidade livre, naturalmente violenta. Ela indica o represamento da existência ameaçadora, ancestral e inumana, capaz de provocar náuseas. (NUNES, 1976, p.125)

Seus personagens são elementos de valor na escrita Clariceana, pois ela cria e esquematiza todo seu enredo da obra de uma forma distinta, de modo em que cada um possua seus traços individuais, para que de alguma forma possa expressar essa busca por algum elo da vida, como a figura do ovo para expressar o sentido da vida. Pode-se notar nas obras de Clarice Lispector essa sugestão e intuição do sentido ontológico da existência humana, que é o fulcro das correntes existenciais, e que transparece no esquematismo e na tipificação com que a romancista estrutura seus personagens (NUNES, 1976, p.113).

Os personagens e o ambiente em que estão inseridos é algo instigante nos contos da autora, pois ela explora por várias vezes um ambiente familiar comum, em que apresenta as histórias. Mas, em MMP, consegue mesclar esse espaço como algo mais idílico, que foge um pouco do comum desse laço familiar. Ao apresentar a ilha presente na história, um lugar de lazer, a autora consegue levar sua história a outro espaço, um pouco fora do comum em que estamos habituados, mas ao situar o leitor neste contexto, ela segue seu conto sem se afastar das perspectivas de mundo e da história. Clarice Lispector utiliza-se da ilha neste contexto como representação da busca pela paz interior, por ser um lugar tranquilo. Ao mesmo tempo chama a atenção do leitor por ser um ambiente afastado do convívio social, e novamente apresenta um ar maternal em sua obra, relatando que a ilha causaria saudades de seus amigos e familiares.

Por fim, notamos que toda a narrativa que Clarice desenvolve vai se construindo através de descobertas em seus personagens, são acontecimentos que chamam a atenção, e neste momento ocorre a “descoberta do mundo”. A cada ideia da autora surgem situações diferentes que a história pode ser encaminhada, e essa descoberta que Clarice faz em suas obras infantis se tornam a epifania nas suas obras para “adultos”. Segundo Clarice Lispector, em entrevista com Pedro Bloch, em seu livro *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira*:

Não escolho o momento. O momento é que me escolhe. A coisa vai se fazendo em mim. Inspiração é a palavra que se deve usar entre aspas. A gente tem que estar preparada para o momento que escolhe a gente. A gente deve estar preparada sabendo que, de um instante para o outro, aquilo pode vir. O que podemos fazer é estar com a ponta do lápis feita. O método de trabalho é “estar preparado”. O resto é quase orgânico, fora da minha deliberação, da minha alçada. Sou espontânea, mas tenho uma espontaneidade controlada (LISPECTOR In: BLOCH, 1989, p. 09)

Em contraste com todas as manifestações de sentimentos, Clarice Lispector se mostra criativa e com uma escrita de cunho maternal, que retrata seu lado familiar em suas

obras, na qual tem a maestria de revelar as transformações dos sujeitos de modo profundo, colocando à mostra os grandes conflitos dos seres que povoam suas histórias.

3 O MISTÉRIO DO COELHO PENSANTE: A descoberta através de uma franzida

“*O mistério do coelho pensante* é também minha discreta homenagem a dois coelhos que pertencem a Pedro e Paulo, meus filhos” (LISPECTOR, 2010, p. 67). Clarice Lispector inicia essa obra expondo um preâmbulo, no qual deixa claro sua escrita de cunho maternal, uma característica citada a escrita infantil clariceana que se faz presente nas primeiras linhas deste conto ao mencionar seus filhos. Este conto se trata da história de um coelho que cheirava ideias, e se tornou fujão quando descobriu um mundo além de sua gaiola e uma maneira para fugir dela, deixando seus donos preocupados não só pela suas fugas inusitadas, mas também pela questão de como ele fugia, razão pela qual se apresenta o mistério no livro: “Aliás, esse ‘mistério’ é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acaba quando a criança descobre outros mistérios” (LISPECTOR, 2010, p.68). Neste conto, a busca pelo eu do coelho, a sua felicidade e a vontade de descobrir um novo mundo, se torna algo incessante para o personagem Joãozinho.

Fica clara esta escrita acolhedora da autora em sua obra, quando nos deparamos na história com a vontade de seu filho Paulo sendo realizada, pois Clarice atende ao pedido escrevendo uma história de coelho que segundo ela, Paulo seu filho “[...] ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes” (LISPECTOR, 2010, p. 67). Percebe-se que dessa trivialidade que é a rotina de um coelho doméstico, Clarice descobre um caminho para questionamentos e revelações sobre a própria natureza humana.

Nessa narrativa, um dos principais focos é fazer com que se compreenda essa tomada de consciência do personagem e como, uma vez feita, não é possível voltar a ser um coelho acomodado em uma gaiola. Diante disso, aborda de certa forma o sentido da vida em seus personagens, que se inicia desde uma ação e o leva até a reflexão, como vimos no conto, o coelho comete a fuga, e momentos depois é tomado por uma carga de consciência e reflexão sobre seus atos. Podemos notar que sua narrativa não possui uma moral propriamente escrita e definida, mas sim um aprendizado de vida que se torna visível ao decorrer da leitura.

A fuga do coelho pode ser tratada como uma questão de necessidade do ser, da busca pela sua própria satisfação e liberdade, e por meio de sua história Clarice procura desvendar

esse mistério, através da figura de um coelho que ali vivia e era bem tratado, mas que fugia sem um motivo concreto. De acordo com Sartre, é necessário o ser se libertar, e conhecer o seu mundo, valorizando sempre a essência e a existência do ser humano: “O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, é mais que o que ele faz” (SARTRE, 1970, p.12). Diante disso, entendemos que o ser humano precisa se conhecer, conhecer sua essência, não se delimitando em suas buscas pelo seu próprio eu, pois em cada busca que se faz dentro de si, é a descoberta de um novo mundo, de um ser que adquire a consciência de si mesmo. E é assim que Joãozinho passa a se conhecer melhor, através de suas fugas, desvendando outros meios de felicidade.

Nessa história clariceana, o leitor é convidado inúmeras vezes para cheirar as ideias junto com o coelho, da mesma forma em que a narradora por várias vezes também tenta desvendar o mistério cheirando ideias. Dessa forma desenvolvendo esse conto no qual o coelho pensante move todas as outras partes da história através de seus pensamentos, despertando uma narradora que busca o compreender, dessa maneira contaminando o leitor por esse contínuo questionamento, no livro, *A hora da estrela*, a autora menciona sobre seus contínuos questionamentos: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?”. (LISPECTOR, 1995, p. 21). E assim, instigando o leitor para buscar suas próprias palavras, Clarice tece suas obras, com questionamentos que geram reflexão e ação. As histórias clariceanas servem também como um contínuo questionamento do ser, pois através dessas reflexões que a autora permite em suas obras, conseguimos perceber como seus contos vão além do que está no livro.

O coelho pensante como personagem principal toca a essência do ser, e através disso surge a epifania, como uma revelação súbita sobre a própria existência e sobre sua relação com o mundo, partindo de um objeto trivial. A descoberta, que é sobre sua grande capacidade de pensamentos e sobre sua fala, causa certa náusea existencial ao personagem, ainda projetando ao leitor a capacidade de, por meio do pensamento (e do cheirar as ideias), poder ir onde quiser, desvendar mistérios, conhecer novos horizontes, pois o pensamento nos permite inúmeras possibilidades: “*Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo*”. (LISPECTOR, 2010, p.78). Através desta escrita, consegue-se perceber o convite ao leitor a “franzir o nariz”, não somente para achar soluções para o mistério da fuga, mas para se pensar e cheirar várias ideias. Configurando sua escrita para o público infantil, na obra, Clarice faz descrições minuciosas não somente dos

fatos que acontecem, mas também de ideias, que a própria narradora abre espaço a se pensar, pois ela questiona o leitor como seria essa possível fuga.

Nesse enredo, Clarice apresenta um personagem com várias incertezas, pois a vontade de conhecer o mundo fora de sua casinhola, mesmo tendo em seu espaço tudo o que precisa para ser feliz, torna-se maior e o faz repetir suas fugas. Como se nota em MCP:

Outra coisa que o nariz dele descobriu é que as nuvens se mexem devagar e às vezes formam coelhões no céu. Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar, mas que não são de se comer. E foi aí que ele descobriu que gostar é quase tão bom como comer. (LISPECTOR, 2010, p.77).

Neste trecho podemos perceber a incerteza do coelho em relação ao espaço em que está inserido, que é o que faz o coelho refletir durante o conto, e devidamente por uma dessas razões fugir e procurar novos lugares, pois através dessas fugas ele estava conhecendo novas perspectivas de vida.

O personagem Joãozinho se mostra feliz do jeito que vive, realizando suas fugas que acarretam toda essa tomada de consciência do personagem, mesmo sendo de uma maneira que o faz sair de sua rotina, fugindo de seus donos. Como também se verifica na obra MCP, é também um conto cheio de sentimentos que busca a felicidade, e que diante disso é necessário passar por esse caminho conturbado sobre a fuga do coelho e a preocupação de seus donos, sentimentos esses que conseguem-se ligar entre uma obra e outra da autora, e que se inserem na realidade humana presente em suas obras.

A voz narrativa, ao se envolver com a obra, revela a busca de desvendar o mistério do coelho fujão. A epifania se faz presente na história quando o coelho descobre que o mundo exterior é muito interessante, e começa então uma busca incessante pela sua realização, quando sua consciência desperta e o faz perceber como se pode ver a vida de uma forma diferente. No decorrer do livro, a própria narradora tenta franzir o nariz para ver se cheirava uma ideia como a do coelho, e talvez desvendar o mistério. A história se encerra e nenhuma resposta concreta é definida para esse mistério. Faz-se, então, com que a reflexão se insira fortemente no contexto do conto. Dessa forma a autora outra vez busca mexer com esse lado do leitor e com sua capacidade reflexiva, fazendo com que ele se sinta na história e busque uma maneira de desvendar este enigma.

Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo. É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe.

Quando você descobrir, você me conta. Eu é que não vou mais franzir meu nariz, porque já estou cansada, meu bem, de só comer cenoura” (LISPECTOR, 2010, p.78).

A autora se introduz nessa história, cria máscaras para escrever o conto, pois faz interpretações da vida do coelho, sobre o ambiente em que vive, seus costumes. Esse jogo que Clarice cria é uma forma de buscar a aproximação com seu público, ainda abordando a questão da escrita maternal da autora. A figura do personagem permite a capacidade reflexiva e a imaginação do leitor, pois diante do mistério exposto pela narradora é possível fazer a reflexão sobre o coelho, abrindo espaço e permitindo essa busca incessante pelo eu.

Essa produção de Clarice faz com que o leitor vá além das páginas escritas deste conto, fazendo com que ele busque e conheça outros mistérios que podem estar inseridos neste conto, desde a ação de fuga de Joãozinho, até caminhos para desvendar o mistério. Permite, ainda, o estímulo a leituras mais profundas, que desvendem as questões ontológicas de definição da essência humana.

No conto *Uma história de tanto amor*, podemos perceber essa questão existencial em relação à morte das galinhas da personagem, pois ela tinha um amor tão grande por seus animais, que para não os deixar morrer totalmente, passou a comê-las para assim ter um pedaço de suas galinhas dentro de si, e destaca ao final do conto a grande mudança de sentimentos da personagem sobre suas galinhas, pois seu amor passou a ser mais maduro, deixando visível assim a construção psicológica que seu personagem arquiteta durante a história. Conhecendo outros contos da autora, percebe-se que, ao usar o coelho como animal-símbolo do pensamento, a intenção da autora é glorificar e apresentar que há uma existência dentro de cada ser, expondo a capacidade do coelho pensante, assim como faz com outros de seus personagens animais, pois ela se utiliza de características do animal para elaborar esse personagem.

Diante de obras infantis que seguem uma linha de histórias, fábulas e outros gêneros podemos constatar que as obras literárias infantis de Lispector vão muito além, pois não somente em seus personagens animais Clarice Lispector busca apresentar esse lado epifânico, da busca e da descoberta por si: “[...] nos personagens de Clarice Lispector, o eu ameaçado, contestado, fica em suspenso e deixa-nos entrever a existência pura, contingente, irreduzível ao controle da vontade e ao entendimento” (NUNES, 1976, p.121). A autora objetiva atingir as regiões mais profundas da mente dos personagens, para então ligar seus mecanismos psicológicos.

A partir dessas perspectivas, podemos perceber a importância da observação e da reflexão para obtermos novos aprendizados, pois expondo assim a leitura como forma de reflexão, ela se torna um aprendizado a mais para a criança, e não apenas uma história qualquer. Esse livro de Clarice Lispector nos faz notar a importância da literatura na vida dos leitores, pois percebemos, além do conteúdo que é exposto, uma forma inovadora de criações, uma história que acaba se tornando objeto de aprendizado para o leitor mirim, pois esse conto nos passa a mensagem através do coelho pensante que mostra a necessidade do pensar e questionar-se para sobreviver, e ainda expressa em suas linhas a necessidade do incomodar-se, de buscar novos mundos, ao invés de acomodar-se com o que já se possui.

4 A MULHER QUE MATOU OS PEIXES: O crime indesejado

Essa é uma obra que se volta para a morte de dois peixes de estimação dos próprios filhos da autora. Clarice, sentindo-se culpada por essas mortes, procura apresentar com outros relatos a boa vivência que ela tinha com os bichos, para que, ao final, possa se redimir e comprovar que a morte dos peixes foi acidental, e que ela gostava muito de bichos e não poderia ser julgada como culpada. Clarice Lispector, também mantém seu estilo de escrever e suas características ao se dirigir especialmente ao público infantil, pois em ambos os livros analisados autora apresenta um estilo que se aproxima de uma conversa com o leitor. Ao escrever as histórias presentes nesse livro, Clarice mais uma vez apresenta um diálogo com o leitor pretendendo não moralizar, mas sim permitir a capacidade reflexiva de suas obras, expondo essas histórias que contém esse cunho existencialista.

A morte é o tema central deste livro e se destaca por ser um assunto dificilmente tratado em obras infantis. Sendo assim, a autora traz esse assunto de uma forma com que não intimide seu público, mas que ao mesmo tempo a criança tenha conhecimento e possa refletir sobre o assunto. Logo no início da história, Clarice escreve: “Essa mulher que matou os peixes sou eu. Mas juro a vocês que foi sem querer. Logo eu! Que não tenho coragem de matar uma coisa viva!” (LISPECTOR, 1999, p.07).

A autora deixa claro na obra que cometeu um erro, mas que foi por um pequeno descuido. A morte abordada neste conto é mascarada por outras histórias que se contradizem, e deixam de lado a infelicidade da morte para dar espaço a outras histórias de animais, que busca apresentar a felicidade da vida, para que ao fim de uma maneira menos impactante a morte dos peixes possa ser abordada.

O diálogo presente na obra é um ato que faz a criança se aproximar da voz narrativa do conto e ao mesmo tempo ganhar sua confiança, pois podemos perceber também a relação maternal utilizada pela autora, ao contar vivências de seus animais de estimação, em que fica visível o interesse de aproximação entre narrador e leitor pelos sentimentos da criança, como podemos observar no trecho: “E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês meu coração vai ouvir” (LISPECTOR, 1999, p.07).

Neste jogo de histórias de Clarice, ela cria uma rememoração ficcional com os animais, um encontro particular com o leitor, no qual ela busca a compreensão deles perante alguns fatos. A narradora, com o intuito de conseguir o perdão do leitor, cria um conjunto de histórias que tecem o enredo para ao final contar sobre a triste morte dos “peixinhos vermelhinhos”, assim chamados pela autora.

Os animais são divididos, no início, em “bichos naturais” e “bichos convidados”. Os bichos naturais que autora menciona são aqueles mais repugnantes tais como: ratos, lagartixas, baratas, animais que o humano não tem um contato tão próximo por não serem muito agradáveis, e talvez dessa maneira Clarice busca apontar alguns pontos negativos da existência humana, assim quanto descreve sua culpa por ter matado os peixes. Já sobre os bichos convidados, a autora caracteriza-os como os bichos afetivos, os que são mais amigáveis com os humanos, e que não são animais indesejados que aparecem sem que queiram, os bichos convidados são aqueles mais dóceis e aceitáveis como os gatos e os cachorros, por exemplo, que aparecem em sua obra. Através dessa mistura de personagens, sentimentos e histórias, a autora permite em seu livro uma maneira de reflexão sobre o sentido da vida, seu lado existencial, sobre o viver e saber aproveitar os momentos. “A subjetividade é apenas um momento privilegiado dessa experiência que, na obra de Clarice Lispector, senão uma hierarquia provisória” (NUNES, 1976, p.122).

Clarice permite, então, que seus leitores entrem em seu contexto e possam explorar vários sentidos de suas obras. A autora expõe caminhos que os levam a pensar e refletir sobre suas histórias. E nesse círculo de personagens animais, o livro é construído através de várias histórias que tecem o conto. Pode-se notar, na ação de eleger os animais como símbolos dentro da história, que a autora tenta expor a questão da existência humana perante o mundo, pois os fatos que acontecem com seus animais durante a história são de questões ligadas ao existencialismo, que a autora coloca explicitamente em seus contos.

A náusea é outro elemento importante de se destacar nessa história, se em MCP a busca pela liberdade de vida era o destaque da obra, já em MMP o destaque é a busca pelo perdão sobre a morte, em que a narradora tenta por meio de outros seres redimir-se pelo seu

ato. “O outro é indispensável à minha existência, tal como, aliás, ao conhecimento que eu tenho de mim”. (SARTRE, 1970, p.22). Podemos perceber ainda que a narradora, ao contar os fatos, quer apresentar relação com os outros animais escrevendo sobre seu convívio com eles, assim, ela é tomada por uma espécie de náusea existencial, mostrando-se preocupada com os animais que vivem ao seu redor, culpando-se pelo seu ato, e ao mesmo tempo conformada por saber que seu erro aconteceu por um pequeno descuido. Assim ela segue essa história, expondo seus sentimentos, voltando-se para o interior de si mesma a fim de encontrar respostas.

Eu sempre gostei de bichos. Tive uma infância rodada de gatos. Eu tinha uma gata que de vez em quando paria uma ninhada de gatos. Eu não deixava se desfazerem de nenhum dos gatinhos. O resultado é que a casa ficou alegre para mim, mas infernal para as pessoas grandes. Afinal, não aguentando mais os meus gatos, deram escondido de mim a gata com sua última ninhada. E eu fiquei tão infeliz que adoeci com muita febre (LISPECTOR, 1999, p.23)

A autora procura em seu próprio ser, algo para lhe tirar esse peso da consciência, na medida em que conta outras histórias, percebemos uma narradora aliviada ao nos depararmos com cada relato feliz sobre os animais, assim, percebendo o alívio de sua própria existência.

Retratando a epifania, em MMP, claramente percebe-se esse súbito instante de revelação do estado emocional dos personagens, levando-os a um momento de lucidez, como se fosse um processo de autoconhecimento. Temos como exemplo os dois cachorros: Bruno Barberini de Monteverdi e Max. No decorrer da história, por questões banais perdem a razão entre si, descobrindo em seu interior outro ser, com capacidades que vão além do seu próprio estado emocional, a raiva e a sensação de invasão, tomam conta dos personagens. A história se inicia com um grande laço de amizade entre os cachorros, mas seu instinto animal os impede de manter esse círculo harmonioso, e sua natureza feroz toma conta da história, a qual acaba em tragédia. Bruno acaba sendo vítima de uma emboscada pelos outros cachorros, tudo isso por ciúmes de seu dono: “Bruno amava tanto Roberto que não permitia nenhum outro cachorro fazer carinho no dono ou atacá-lo” (LISPECTOR, 1999, p. 18).

Nota-se que a todo o momento a autora apresenta múltiplos sentimentos em seus personagens, seja de amor, amizade, ódio, vingança entre outros, que compõem a obra, mas que ao final o sentimento de felicidade prevalece em seu conto, pois a busca que ela faz pelo perdão parece ser suprida pelas outras histórias relatadas. Ainda pode se destacar nas obras analisadas que Lispector mesmo ao escrever algo trágico procura desviar os fatos que levam para a morte, fantasiando sua angústia, segundo Sartre, no livro *O existencialismo é um*

humanismo “Decerto, há muita gente que não vive em ansiedade; mais é nossa convicção que esses tais disfarçam a sua angústia [...]” (SARTE, 1970, p, 13). A angústia é um sentimento disfarçado por máscaras, e para que seu leitor mirim não se choque ao ler sobre o fato ocorrido com os peixes, autora escreve este conto dando um ar de leveza, não expondo a maneira cruel como a morte realmente é.

Nessa obra clariceana, os animais surgem associados a adultos e crianças, pois muitas vezes ela tenta ligar as semelhanças de vidas entre os animais e os seres humanos. Alguns dos personagens dessa narrativa são os cães Bruno, Max e Dilermando, a miquinha Lisete, a ratazana Maria de Fátima, entre outros. A autora busca humanizar os bichos através de suas atitudes, ou até mesmo de relações de afeto entre um animal e outro, que fica visível no conto através da interpretação que a autora dá a eles, assim podendo fazer essa ligação de sentimentos entre um ser e outro.

Outro aspecto interessante de se apontar na obra é o processo de digressão que acontece nesses contos da autora, pois ela vai listando os animais que teve durante sua vida, e faz uma retomada textual. Em vários momentos, Clarice faz esse movimento de ligação entre suas histórias, ela ainda apresenta um trecho em sua obra MMP que retoma o conto do coelho pensante. Assim, ficam visíveis os laços que se mantêm de um conto para o outro, “Meu livro sobre coelhos se chama assim: “O mistério do coelho pensante” (LISPECTOR, 1999, p. 12).

Essa retomada intertextual é importante, pois além de permitir ao leitor fazer essa ligação das características da autora na escrita de um livro para o outro, ele ainda foca na própria linguagem e seu processo de construção do enredo, podendo perceber a forte ligação que uma história tem com a outra, nesse caso relatando sobre os animais, e fatos importantes que esses personagens causaram na vida da narradora, assim permitindo essa grande capacidade reflexiva nas obras analisadas neste artigo. A capacidade reflexiva que ela causa no leitor, pode-se ligar com essa maneira ontológica da autora escrever, que busca compreender a existência do ser humano, e com esse intuito ela vai envolvendo o leitor com outras particularidades da história, criando um suspense sobre os “vermelhinhos” de seu filho.

A autora desenvolve todo esse enredo através de explicações e relatos de seu amor pelos animais, é como se fosse uma forma de amparar o leitor com o que está por vir e exprimir sua angústia, para ao fim dar a triste notícia da morte dos peixes de uma maneira mais leve e compreensível. “O desamparo é paralelo da angústia. Quanto ao desespero, esta expressão tem um sentido extremamente simples. Quer ela dizer que nós nos limitamos a contar com o que depende da nossa ação possível”. (SARTRE, 1970, p.18). Segundo Sartre, esses três elementos estão sempre ligados, é um paralelo de sentimentos que todo ser tem

contato ao decorrer de sua finitude da vida. E o que Clarice pretende, é apresentar a todo o momento a revelação dessa finitude da vida, na figura tão trivial de dois peixinhos vermelhos, e com isso se submete a manusear delicadamente cada palavra ao dar a notícia da morte dos peixes aos seus leitores.

Ao final do conto, Clarice ainda utiliza-se da figura de uma ilha para concretizar seus relatos no conto, e descreve o cenário de forma com que prove ao leitor que suas histórias são verdadeiras, e que para ela a compreensão de seu público é de extrema importância, pois seu grande intuito no livro é provar que não queria matar os peixes:

No fundo do mar lá é azul e de todas as outras cores também por causa dos ouriços coloridos e das estrelas-do-mar e pelas algas que se movem dando esse colorido ondulante. Vocês pensam que estou inventando? Mas, se eu jurar por Deus que tudo que contei neste livro é verdade, vocês acreditam? Pois juro por Deus que tudo que contei é a pura verdade e aconteceu mesmo (LISPECTOR, 1999, p.23)

A obra clariceana, portanto, traça uma linha tênue entre as esferas humana e animal, pois as relações que a autora apresenta em seus personagens são ligadas uma a outra. Sendo assim, em MMP Clarice propicia aos seus leitores um espaço de reflexão, no qual deixa visível o lugar privilegiado que o animal tem sobre o conto. A partir dessa perspectiva, conseguimos visualizar que as obras de Clarice Lispector são muito mais que moralistas, pois apresentam mais do que apenas uma moral fechada, pontual e categórica. Ela traz para o universo infantil uma liberdade de reflexão sobre atos que de certa forma está inserido no meio social adulto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa releitura da escrita clariceana, pudemos observar que a narrativa infantil da autora é um estágio inicial de sua obra adulta, pois Clarice traz as mesmas perspectivas de uma forma mais simples, para que seu público infantil possa compreender e interpretar os mistérios que envolvem seus contos.

Lispector existe em suas obras, através de questionamentos profundos que a própria autora permite em seus personagens, e da ligação que ela tem com o leitor quando se

direciona a ele em seus contos. Quanto aos elementos analisados nas obras, tais como os personagens e a voz narrativa, pode-se perceber que o animal é o símbolo chave de seus contos, pois através deles a autora consegue projetar ao leitor suas ideias. Ao se utilizar da figura do animal, percebemos esse eu existencial presente em sua obra, e sua voz acaba se envolvendo com o pensamento dos personagens revelando assim seus pensamentos mais íntimos. A figura do animal veicula uma moralidade humana, assim em seus contos esses personagens acabam construindo uma identidade, e sua voz narrativa acaba sendo fortemente expressada na busca da identidade desses protagonistas.

A literatura de Clarice Lispector vai além de histórias fantasiadas e moralistas, pois a autora insere no universo infantil fatos que ocorrem na vida real, e busca trabalhar com esses assuntos de uma maneira mais apropriada ao público infantil. Clarice elabora portanto uma transposição de fatos triviais, que tornam suas obras esse grande mistério.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Pedro. “Clarice Lispector”. In: _____. *Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira: entrevistas*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1989.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura Infantil: Visão histórica e crítica*. 3ª Ed. São Paulo: Global Editora, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *O mistério do coelho pensante e outros contos*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. 23ª . edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *A mulher que matou os peixes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, CLARICE. O Ovo e a Galinha. In *A Legião Estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977, p. 81-84

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Trad: José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Editor: Victor Civita. 1ª Ed. Setembro 1973.